

Afirma Maurício Régulo, DAPGPE

**“ESTAMOS A
APRENDER
A PESQUISAR
E FAZER CIÊNCIAS
SOCIAIS”**

Leia entre as págs 08 a 10

Pub



**OFERECEMOS CURSOS
BÁSICOS DE
INGLÊS, FRANCÊS
E ITALIANO
INSCREVA-TE JÁ**



FORTALEZA DE S. SEBASTIÃO(CECROI) FCSH



84 7933030 - 86 9222945 - 84 0721012



Centro de Estudos Culturais e Religiosos - CECROI/FCSH/Unilurio

ESTE É O COMEÇO DE UM COMEÇO!

Foi assim como escrevemos no editorial do primeiro número do OMacuthi, Boletim Informativo (BI) da FCSH, que emergiu entre os escombros da pandemia da COVID-19 para assegurar a divulgação de várias iniciativas, que desde o dia 11 de Março do “fatídico ano de 2020” ganharam um outro figurino. Característico de uma realidade que acaba de emergir, foram tantas reacções, de entre elas encorajadoras e inversas aos nossos sonhos, recebidas em torno da nova tarefa que estávamos nos acrescentar, numa sociedade cada vez mais informada, embora nem com isso, esteja suficientemente dispondo de conhecimentos.

Como é comum, das críticas recebidas partiam desde os destinatários, que se consideravam não elegíveis para receber o nosso BI, os que questionavam a nossa ousadia na definição da periodicidade, aos que nos aconselhavam a sermos mais agressivos e, de certo modo, ditadores na nossa forma de comunicar as nossas realizações enquanto academia. À medida em que o tempo se foi passando, as percepções sobre a nossa existência foram crescendo. Há quem pensou que eramos um órgão de comunicação vocacionado à emissão de notícias clássicas, mas foi o mesmo tempo que se encarregou em esclarecer que eramos um meio de comunicação interno e externo da jovem Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Lúrio.

Em pouco meses de existência, o nosso Boletim ousou abrir as suas capas e manchetes com fotografias de grandes figuras da arena académica, tanto nacional como internacional. Com o BI contribuímos de forma mais simples possível na (re) significação da Ilha de Moçambique, enquanto o Berço da nação, trazendo virtualmente grandes intelectuais que, a olhar pelas limitações económicas que as instituições públicas atravessam teríamos, com certeza, dificuldades de garantir a sua vinda física à Ilha de Moçambique. Discutimos a ciência e o mundo de forma virtual, nos mergulhamos em grandes temas da actualidade com destaque para as *oportunidades de pesquisa e os contornos socio-culturais, políticas e religiosas da costa oriental de África banhada pelo oceano Índico*. Para o efeito, temos o dever moral de agradecer a uma vasta gama de académicos que nos ajudaram a chegar além da Ilha de Moçambique, nomeadamente os professores: Francisco Noa, Teresa Cruz e Silva, Elísio Macamo, Liazzat Bonate, Marçal Parede, Leda Florinda Hugo, João Salavessa, Nuno Gustavo e Arsénio Cuco.

Rege um adágio que desconhecemos a sua origem,

segundo o qual, por detrás de um sucesso de liderança há uma excelente equipa de colaboradores que sem medir as suas atribuições entrega-se para o efeito. Na FCSH e no caso dos eventos publicados no OMacuthi, não se foge essa máxima, a essa equipa que trabalha para que em cada 30 dias, o nosso Boletim esteja disponível, vai o nosso grande muito obrigado do 3º nível expresso no ***tratado de São Tomás de Aquino sobre a gratidão***.

Neste primeiro aniversário de existência do Boletim Informativo da FCSH, quando paramos para olhar no começo do nosso começo, nos ocorrem várias lembranças de entre elas: as gralhas que fomos cometendo, os nomes de cientistas e ou autores que mal escrevemos, os colegas que não acreditavam da nossa regularidade mensal, a *ilhonização* dos assuntos que devíamos veicular, os amigos e colegas que nos abraçaram e outros nos abandonaram. Em fim, temos o sentimento de que não fizemos mais um Boletim Informativo Universitário, mas um OMacuthi, nome que adoptamos no esforço de darmos valor à nossa identidade socio-cultural enquanto cidadãos desta nação. O referencial do Boletim, como explicamos na educação inaugural, é um modelo de casas construídas de pau-a-pique e cobertas de palha, que estão na eminência de desaparecer. As casas de Macuthi, Macutti ou outra escrita que se quiser adoptar, embora sejam associadas ao património da Ilha insular, até onde sabemos elas são típicas em toda a zona litoral do Norte de Moçambique, portanto, encontramos casas com estrutura arquitetónica única, mas igual nos distritos de Moma, Angoche, Mogincual, Mossuril, Nacala-a-Velha Nacala-Porto, Memba, e toda a costa de Cabo-Delgado. Nesse sentido, torna-se desafiante irmos seguindo os mesmos passos da nossa faculdade, afinal não somos só da Ilha, apenas estamos na Ilha de Moçambique.

A nossa meta é constituirmos um espaço, onde os académicos partilham suas ideias sem restrições, cujo preço é o seu conhecimento. Estamos cientes que não podemos responder a tudo quando podíamos, mas neste novo ciclo faremos de tudo para que continuemos a conquistar espaço entre os nossos leitores. Este boletim justifica o nosso lema, afinal basta vontade e entrega para fazer diferente. Portanto, temos a consciência que não fizemos tudo o que podíamos, nem o que devíamos ter feito, não pretendemos ser optimistas nem, pessimistas em demasia, mas enquanto um dos projectos da nossa direcção entendemos que escrevemos uma parte da História da FCSH com letras GAR-RAFAIS. Juntos podemos “**fazer a diferença**”.

Ficha técnica:



Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Lúrio

Ilha de Moçambique | Rua: Pedro Álvares | Bairro: Museu | E-mail: rpcifcsh@unilurio.ac.mz | +258 878300752

Director: Wilson Profírio Nicaquela | **Editor:** Faizal Ibramugy Abdul Raimo | **Revisão:** Nildo Eugénio Diogo |

Redação: Faizal Ibramugy Abdul Raimo | **Fotografias:** Faizal Ibramugy Abdul Raimo | **Maquetização:** Faizal Ibramugy Abdul Raimo | **Distribuição:** Electrónica

Um ano depois do Boletim da FCSH

“MARCAMOS PRESENÇA PARA ALÉM DA ILHA DE MOÇAMBIQUE”

LEITORES PEDEM MAIOR DIVULGAÇÃO DAS POTENCIALIDADES DA ILHA DE MOÇAMBIQUE



Omacuthi

Algumas edições do primeiro ano

A Direcção da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) faz uma avaliação positiva sobre um ano de existência do boletim informativo *O Macuthi*, que se assinala neste mês de Março de 2021. Segundo a direcção da Faculdade, o boletim informativo conseguiu em tão pouco tempo trazer uma nova dinâmica de comunicação, tendo acelerado a saída do anonimato em que a Faculdade esteve voltada desde a sua instalação em 2017. Segundo o Director Adjunto de Administração e Finanças, Ivo de Almeida. “Marcamos presença para além da Ilha de Moçambique”.

De Almeida, por sinal o funcionário mais antigo da Faculdade disse que “o boletim divulga aquilo que são os nossos trabalhos. Antigamente as coisas aconteciam, mas depois as pessoas não tinham conhecimento de o que estava a acontecer”. Ele considera que o Boletim Informativo veio trazer uma nova dinâmica na medida em que, não só na Ilha, como também fora da Ilha, as pessoas passaram a saber da existência da

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Lúrio.

Ele recorda que “houve uma altura em que os nossos estudantes faziam



Ivo de Almeida

Director Adjunto de Administração e Finanças



Jóssimo Calavete Director Adjunto Pedagógico

trabalhos na comunidade, mas as pessoas não sabiam. As pessoas voltavam a questionar sobre o que faz a faculdade”.

O Director Adjunto Pedagógico, Jóssimo Calavete associa-se à avaliação positiva sobre o primeiro ano do *OMacuthi* e diz que “o Boletim Informativo é um sucesso. Considero um grande instrumento para a divulgação dos feitos da FCSH à comunidade e ao mundo. Através deste boletim a FCSH saiu do anonimato e a comunidade da ilha e não só, mantém-se informada sobre as actividades da faculdade”. Segundo ele, é louvável o trabalho da equipa de

redacção do boletim, pois, é bastante evidente o seu empenho e entrega abnegada. “Afinal, os jovens podem. Nós podemos”, disse.

Jóssimo Calavete refere que o boletim da FCSH também “representa o fruto dos mentores do projecto de ter uma faculdade na Ilha de Moçambique. De facto, pode até certo ponto considerar-se o boletim como um dos resultados dos esforços da FCSH na recuperação do prestígio desta ilha”.

Contudo, o Director Financeiro da FCSH, Ivo de Almeida diz que é necessário que os jovens docentes da FCSH apostem neste segundo ano do boletim informativo, a divulgação de mais artigos diversificados, porque segundo disse, neste primeiro ano não se fez sentir o envolvimento de professores na divulgação de seus artigos. “Temos poucos docentes que fazem as suas comunicações no *OMacuthi*, mas se pudessem escrever mais, melhor seria. A Ilha de Moçambique é um local onde há muita coisa para escrever. Os docentes devem se envolver mais neste projecto”.

LEITORES PEDEM MAIOR DIVULGAÇÃO DAS POTENCIALIDADES DA ILHA DE MOÇAMBIQUE

Os leitores do *OMacuthi* dizem que um ano depois da sua criação, o boletim informativo da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas afirma-se ser um vínculo válido de aproximação entre a Faculdade e a comunidade da Ilha de Moçambique. Num inquérito posto a circular junto da edição número onze, de Fevereiro passado, os leitores que responderam avaliaram positivamente a existência do *Omacuthi*, quer pela qualidade de informação, quer pelo nível de divulgação e distribuição. Contudo, salientaram os leitores que há ainda desafios que devem ser sanados, tais como: a imperiosa necessidade de o boletim sair mais para os bairros da ilha, escrever mais sobre o património edificado e publicitar as potencialidades que a região oferece. Já para questões mais profundas, os leitores querem que a página de aniversariantes da FCSH traga as histórias do pessoal auxiliar, como é o caso dos jardineiros, serventes, entre outros. Actualmente a página escreve sobre todo o tipo de funcionários, incluído os que estão no topo da Faculdade.

Ámina Cássimo, que já leu o total de quatro edições, disse que o *OMacuthi* apresenta pouca informação para a comunidade da ilha, daí que, segundo ela, o “boletim devia ter mais informação

que pode interessar à comunidade da ilha. Sensibilizar as comunidades sobre diversos temas. Falar mais da protecção do património edificado e tradicional”. No fim, faz também um pedido “deviam imprimir o boletim para pôr no edifício do município e nos bairros para as pessoas lerem. Divulgar mais o jornal. Muita gente na ilha não sabe da existência do Boletim”.

Narane Talaquichande já leu sete edições do nosso boletim. “Julgo ser um boletim abrangente em termos temáticos. No entanto, o boletim podia trazer, no global, resultados de estudos actuais tendo em conta a missão da FCSH. Os estudos podem ser de toda a proveniência e envolver investigadores, docentes e estudantes”, disse, realçando que o facto de o Boletim ter um espaço para parabenizar os colaboradores, é excelente. “No entanto, julgo que o pessoal de apoio quando é retratado num boletim como este passa a sentir-se parte integrante e fica mais comprometido. Com isto, quero sugerir que se dê mais atenção aos colaboradores como jardineiros, serventes, entre outros”.

Fideliz Mutiquita, leitor que diz ter lido todas edições (onze), avaliou positivamente o *OMacuthi* e diz que o mesmo está a alicerçar a ligação comunidade e a universidade. Para ele, a equipa de trabalho devia apostar na difusão de mais informações sobre os hábitos e costumes locais.

Realito Adamugy Ussene Momade que diz ter lido muitas edições avaliou igualmente positivamente sugerindo que a informação contida no mesmo seja também traduzida noutras línguas, como é caso do inglês.

Alfredo Vomuchela já leu o total de nove edições com informações “muito importantes e interessantes”. Diz a fonte, a publicitação do boletim ao nível dos bairros deve ser algo urgente e prioritário para cultivar no seio dos ilhéus os hábitos de leitura.

Sevenasi Joaquim leu todas as edições e disse que *OMacuthi* marca uma diferença em termos de actualização da informação, sobretudo, dos acontecimentos e actividades desenvolvidos na FCSH com bastante

dinamismo. Ele diz que a faculdade devia ter igualmente uma publicação trimestral.

Ibraimo Teleha Chabite, com todas edições lidas, acha que o *OMacuthi* é um bom boletim, mas diz que é necessário “ampliar o foco de actuação ou aprofundar mais os conteúdos locais”.

Angelina Barros Alberto, uma outra leitora com todas edições em seu poder diz que o *OMacuthi* apresenta “informações bastante importantes, fiáveis, que reflectem o quotidiano da FCSH, e acima de tudo, da Ilha de Moçambique. E projectam novas perspectivas de estudos sobre a Ilha de Moçambique A FCSH e a equipa do Boletim Informativo estão de parabéns”, realçou, remetendo a uma melhoria das questões de revisão linguística e no sentido de ser mais abrangente e ousada na divulgação de artigos de opinião de todo o tipo e carácter.

Amade Cefo Abudo, dez edições lidas, pediu maior distribuição do Boletim, para além de um quadro específico dedicado às agendas de eventos da FCSH e/ou Unilúrio.

Destas casas emerge o nosso boletim



Faculdade de Ciências
Sociais e Humanas

Leia e divulgue

OMacuthi
Boletim Informativo da FCSH

FELIZ ANIVERSÁRIO, COLEGAS

Joana Júnior

É mais um mês na FCSH, comemoramos aniversários de mais colaboradores. Uma docente e três colaboradores do Corpo Técnico Adminis-

trativos. A eles, desejamos boas festas.

“É UMA EXPERIÊNCIA NOVA TRABALHAR NO GABINETE DE APOIO AO ESTUDANTE”

Bernardette Augusto Manhiça, 49 anos de idade, nasceu aos 29 de Março de 1972 em Chókwe província de Gaza. Ingressou na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas em 2019, onde é actualmente docente da disciplina de Cultura e Sociedade no curso de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais, e chefe do Gabinete Apoio ao Estudante igualmente.

“É uma experiência nova trabalhar no Gabinete de Apoio ao Estudante e ter o dia-a-dia com os estudantes”, disse a aniversariante visivelmente satisfeita. Acrescentou que “cada trabalho de campo atribuído aos estudantes marcam-me bastante, porque estes trazem realidades locais ligadas à cultura que contribui para aprendizagem e crescimento”.

MA. Bernadette avalia o ambiente do trabalho na FCSH como sendo saudável. Contudo, diz que é preciso que cada um dos colaboradores aprenda a lidar com as diferenças e desafios. “Humildade e união podem tornar a FCSH um modelo de Ensino Superior”, considera.



“ESTÁ SENDO UMA EXPERIÊNCIA BOA TRABALHAR AQUI COMO EDITORA DESTA PÁGINA DE ANIVERSARIANTE”



Joana Júnior

Joana Armando Cardoso Júnior, 29 anos de idade, nasceu aos 06 de Março de 1992 na cidade de Nampula, actualmente ocupa o cargo de assistente do Director e é editora desta página de aniversariante. Antes da FCSH, a aniversariante trabalhou para a Direcção Provincial dos Recursos Minerais e Energia de Nampula, para além das empresas Michi Microcrédito e Movitel. Ingressou na FCSH em Junho de 2019.

“Está sendo uma experiência boa trabalhar aqui como editora desta página de aniversariante, vou aprendendo algo novo tendo em conta a equipe maravilhosa, jovem e motivadora que encontrei na FCSH”. Diz Joana que “o ambiente de trabalho está sendo bom na medida em que sabemos lidar com os diferentes comportamentos que o ser humano apresenta”. A aniversariante apela para que haja, por parte dos colaboradores, respeito pelo trabalho de outro. Que o empenho e a união continuem caracterizando a equipa da FCSH.

Cont. pág.7

“SONHO COM UMA FCSH ONDE HÁ SEMANALMENTE UM ARTIGO PUBLICADO”



Faizal Ibramugy Abdul Raimo, com 38 anos completados a 26 de Março, natural de Moma província de Nampula, é jornalista com 22 anos de experiência. Actualmente responsável pela repartição de Relações Pública, Comunicação e Cooperação na FCSH, Faizal Raimo trabalhou em várias instituições, entre as quais, ONGs, empresas de medias e agora seis anos no Estado, sempre virado para a área de Comunicação. “A minha maior paixão sempre foi e continua a comunicação. Isso me conforta”, começou. Curiosamente, neste Março de 2021, tal como este

boletim, Faizal Raimo completa um ano de trabalho na FCSH. “Para mim, um ano é pouco para ter momentos marcantes, mas sonho com uma FCSH, onde há semanalmente um artigo publicado”, disse considerando que fazer diferença na academia, passa de ensinar e vai além da pesquisa. Aliás disse ele, “sem artigos publicados não teria muito para informar o nosso público”.

“PROCURO SER UMA BOA PROFISSIONAL DEDICADA DA MELHOR FORMA NAS TAREFAS QUE DESEMPEÑO”

Esmeralda Janeth da Cruz Sebastião Robate, de 27 ano de idade, nasceu aos 23 de Março de 1993 na cidade de Nampula. Ingressou na FCSH em Junho de 2019. É actualmente chefe da Repartição do Registo Académico. A aniversariante diz que “o que mais me marcou do lado profissional é o facto de me ter deparado com colegas com boa vontade de ensinar para o alcance das metas institucionais. Isso faz-me muito bem, porque sempre procuro ser uma boa profissional dedicando-me da melhor forma nas tarefas que desempenho”. A Dra. Esmeralda, avalia o ambiente de trabalho como bom e apela: “que continuemos assim, trabalhando para os mesmos objectivos. Só desta forma a FCSH vai crescer e fazer diferenças”.



“ESTAMOS A APRENDER A PESQUISAR E FAZER CIÊNCIAS SOCIAIS”

– Maurício Régulo Director Adjunto para Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) pretende reverter o cenário de pesquisas científicas em Moçambique em virtude da maior parte dos estudos divulgados no país pertencerem a faculdades e/ou universidades instaladas no sul do país. Segundo o Director Adjunto para Pós-graduação, Pesquisa e Extensão, Maurício Régulo, a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas pretende ser uma referência em pesquisas, preferencialmente ligadas às áreas das ciências sociais no norte do país. Para o efeito, refere o dirigente “estamos a aprender a pesquisar e fazer Ciências Sociais com as nossas parcerias e vários programas de troca de experiências com altas individualidades académicas de panorama nacional e internacional. Fazer ciência é um processo, e nós enquanto instituição nova, composta por quadros jovens estamos a capitalizar experiências com peritos da área de modo a nos fortalecermos, não só na Ilha ou em Nampula, mas em toda a região Norte conforme o espírito que ditou a instalação da UniLúrio nesta zona do país”.

A fonte continua: “como sabe, as universidades hoje em dia são classificadas no seu ranking através da publicação. E, nós até agora não temos muitas publicações. Nós temos que inverter o cenário em que as pesquisas publicadas são de universidades do sul do país”, desafiou, para depois referir que a região norte do país, onde se encontra a Faculdade é potencial para pesquisas de carácter social, económica, política e religiosa.

RECUPERAR O ANO PERDIDO

Maurício Régulo diz que se a pandemia do novo corona vírus não tivesse afectado o ano 2020, a Faculdade teria apresentado os primeiros resultados da sua pretensão. Conta que vários estudos ficaram adiados, entre os quais um que visava estudar a situação dos ataques na província de Cabo-Delgado, que estão a causar muitos deslocados acomodados no Posto Administrativo de Corane, distrito de Meconta em Nampula, e outros dois estudos sobre o impacto da indústria extractiva em Moçambique com trabalhos de campo nos distritos de Angoche, mais concretamente do Posto administrativo de Sangaje na província de

Nampula e Namanhumbiri em Montepuez, na província de Cabo-Delegado.

“Lamentavelmente não conseguimos tudo por causa da pandemia. Não havia condições para que a gente pudesse se deslocar de um ponto para o outro”, disse, referindo que considerava 2020 um ano praticamente perdido.

Disse a fonte que a pandemia obrigou a faculdade a adoptar novas formas de realizar pesquisas, recorrendo principalmente a meio digitais. Porém, avança que nem sempre este método é aplicado ao tipo de trabalho pretendido. “É claro que as plataformas digitais vieram para facilitar o nosso trabalho. Mas devo dizer que nem sempre as plataformas digitais são aplicáveis a todo tipo de pesquisas, pois, há pesquisas que por sua natureza requerem



MA. Maurício Régulo

DAPGPE



Escombros da então fábrica de processamento de sisal de Miserepane.

deslocamento dos pesquisadores para os locais de estudo”.

Afonte acrescenta “podemos realizar pesquisas por exemplo, recorrendo documentos já escritos, mas sabe que alguns documentos carregam consigo algumas lacunas. Então, ouvir fontes primárias torna-se imperioso”.

Régulo informou que durante o ano de 2020, o sector que dirige foi potenciando os Recursos Humanos que dispõe na expectativa de este ano ser diferente “mas estamos a ver que ainda continuamos com as amarras deste vírus mortal. Se por ventura, a situação ficar aliviada, pensamos em nos engajar na pesquisa”. A fonte disse que enquanto isso, a equipa de pesquisadores vai aperfeiçoando internamente as suas capacidades de pesquisa por forma a dar vazão aos estudos logo que a pandemia cessar. Aliás, o nosso entrevistado diz as equipas de trabalhos vão desenhando diversos projectos de intervenção social. A propósito, Maurício Régulo diz que em 2020, a faculdade concorreu a cinco concursos diversos, não tendo conseguido passar em nenhum, pese embora nalguns ter conseguido uma pontuação de mais de 80 por cento.

TRAÇOS DA ESCRAVATURA NO NORTE DE MOÇAMBIQUE

Com a recente retoma das aulas presenciais, a

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas deu arranque a um trabalho de pesquisa sobre os traços da escravatura no norte de Moçambique. Numa primeira fase, a pesquisa está a ser levada a cabo nos distritos da Ilha de Moçambique, Mossuril e Monapo, devendo partir para Angoche, Metarica e Marrupa no Niassa, e Montepuez, Pemba e Ilha do Ibo, na província de Cabo-Delegado. Segundo disse Maurício Régulo, não se pode falar da escravatura e da Ilha de Moçambique sem fazer referência aos distritos de Mossuril e Monapo, onde os escravos eram adquiridos e posteriormente encaminhados para servir de mão-de-obra ao serviço colonial em diversos cantos do mundo. “Por isso, a elevação da Ilha de Moçambique à categoria de Património Mundial da Humanidade deve ser sustentada, no nosso entender, pela documentação e pelo debate dos marcos e traços do mesmo processo que resistiram ao apagador do tempo”. Aquele dirigente disse que “achamos interessante e pertinente a discussão e a documentação desse processo histórico que transforma a Ilha em património da Humanidade através de factos históricos. Se podemos encontrar actualmente alguns traços materiais suficientes para documentar o processo da escravatura na Ilha de Moçambique, tais como as “rampas”, os restos dos navios afundados, os canhões, a diversidade religiosa e cultural, a arquitectura antiga, entre muitos outros indicadores, pode-se dizer pouco acerca dos “restos imateriais”.



Palácio de Herman Coman (Alemão, então proprietário da sisaleira de Miserepane-Monapo) Depois das Nacionalizações, o Presidente Samora Machel na sua visita ao Distrito de Monapo dormiu neste palácio, de lá para cá nunca mais foi usado e encontra-se totalmente abandonado.

Pretende-se com este estudo, resgatar as marcas do negócio de escravos na Ilha de Moçambique como uma das principais actividades que transformaram a Ilha de Moçambique num centro de interesses intercontinentais e lançou a primeira pedra para a construção ou transformação da Ilha em Património Mundial da Humanidade.

“Basicamente queremos trazer dados novos, identificar e debater as marcas do negócio de escravos na Ilha de Moçambique como uma das actividades que transformaram a Ilha em um centro de interesses intercontinentais e, provavelmente, tendo marcado o início da construção ou transformação da Ilha em Património Mundial da Humanidade, bem com, perceber o olhar actual do povo ilhéu



Escombros da chamada cadeia subterrânea de Itoculo

CONFERÊNCIA SOBRE CULTURA E PROJECTOS DO NORTE SÓ EM SETEMBRO

Devido à pandemia do novo corona vírus, a segunda edição da Conferência sobre Cultura e Projectos de Desenvolvimento no Norte de Moçambique, que teve a sua primeira edição em Março de 2020, será realizada somente em Setembro próximo. Segundo o Director Adjunto para Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, a instituição está a fazer de tudo no sentido de fazer coincidir este evento com a semana em que a Faculdade está a planificar realizar as suas jornadas científicas, por sinal na mesma semana em que a Ilha completará mais um ano de elevação à categoria de cidade.

Neste momento, decorre o processo de desenho do concurso apara a chamada para submissão de artigos a serem apresentados no evento.



Investigador Pilale Isekiel da FCSH em plena actividade